

Carta ao poeta João Cabral de Melo Neto

Raquel Naveira

Caro poeta João Cabral de Melo Neto,

Acredito na educação de qualidade como um direito da população e como estratégia vigorosa para melhorar a vida dos brasileiros e elevar o patamar do país em todas as áreas: na saúde, na segurança, na economia e na cultura.

Dentro desse quadro educativo, a poesia na escola é assunto urgente num mundo de materialismo e de máquinas. É porta aberta para o sensível; é música e ritmo; é beleza do idioma; é algo que excita a imaginação e a criatividade.

A poesia ensina de forma indestrutível, profunda. Se a poesia ensina, ela é parceira da Educação. A poesia não é ciência, é método de libertação interior. Se educação não é apenas transmitir conhecimentos, mas desenvolver habilidades e competências, o que a poesia ensina é um modo de ver. Um modo de ver como se vissemos as coisas pela primeira vez. O ato inaugural que traz as sementes da novidade, pois pela poesia tudo se torna novo e desconhecido à procura de um lugar na árvore do saber. Tanto o poeta quanto o educador ensinam a conhecer ou a compreender o mundo.

Os seus poemas, João, devem ser apresentados na escola aos nossos jovens. O professor deve conduzir o aluno com paixão pelo mundo cabralino. O poema "A Educação pela Pedra" poderia ser um primeiro encontro: "Uma educação pela pedra: por lições;/ para aprender da pedra, frequentá-la;/ captar sua voz inefática, impessoal/ (pela de dicção ela começa as aulas)./ A lição de moral, sua resistência fria/ ao que flui e a fluir, a ser maleada;/ a de poética, sua carnadura concreta;/ a de economia, seu adensar-se compacta: lições de pedra (de fora para dentro,/ cartilha muda), para quem soletrá-la."

A princípio poderá haver um estranhamento nessa dura lição de pedra, mas logo nosso jovem perceberá que a atenção do poeta estava voltada para fora dele, para o objeto pedra, o que não exclui uma viva emoção. Houve sim na sua poesia, João, um alívio do poema do fardo da retórica e do sentimentalismo, mas permaneceram intactos a clareza e o sentimento.

Para contrabalançar, pode-se trabalhar depois o poema "Morte e Vida Severina": o homem ocupando o lugar da coisa, a coisificação injusta do homem diante da condição de retirante nordestino lutando contra a morte, a seca, as agruras do sertão: "Desde que estou retirando/ Só a morte vejo ativa,/ Só a morte deparei/ e às vezes até festiva;/ Só a morte tem encontrado/ quem pensava encontrar vida,/ e o pou-

co que não for morte/ for de vida Severina."

Esse longo poema dá ensejo a dramatizações, ao teatro, outra arma educativa poderosa. Após ler, meditar e encenar o "Morte e Vida Severina", o jovem compreenderá as mazelas do povo brasileiro, as raízes da injustiça social, mais do que se tivesse lido a cartilha de Marx.

Marcou-me, João, o poema "O Cão sem Plumas". O professor, aliás, só deve levar para sala de aula aqueles textos que realmente o tocaram. "O Cão sem Plumas" me impressionou: a complexa construção poética; a natureza do rio; os homens convivendo com o rio, numa estranha simbiose; o encontro do rio com o mar; o discurso do rio Capiberibe e sua lição de realidade. É poema ideal para sentir a poesia como profecia, gemido, grito, desafio, canto dos oprimidos, resistência, forma e arte revolucionárias.

Como esquecer daquele rio que era como um cão sem plumas? E lá cão tem plumas? O poeta nos apresenta sua poesia surreal, nua, nascida daquele rio que "jamais se abre em peixes,/ ao brilho, à inquietação de faca/ que há nos peixes./ Jamais se abre em peixes.// Abre-se numa flora/ suja e mais mendiga/ como são os mendigos negros." Com certeza "O Cão sem Plumas" provocará choques linguísticos e filosóficos.

Se quisermos mostrar ao nosso aluno a confluência entre história e literatura, devemos apresentar-lhe *O Auto do Frade*. Arquiteto de palavras, você, João, nos mostrou em sete monólogos um perfil de Joaquim do Amor Divino, o Frei Caneca, frade mártir do Recife, líder da Confederação do Equador, morto por ordem da Corte, em 1825. A sua poesia é mesmo comprometida, mas é antes de tudo poesia épica. O poema é visual, plástico, a gente vê o suplício de Frei Caneca e do povo nordestino.

Você nos conduz ao último dia de vida do frade rebelde. O Caneca caminha com uma corda com a qual será enforcado pelas ruas. O enforcamento era a pena habitual dos bandidos e assassinos, enquanto o fuzilamento constituía execução digna do militar. O imperador tardou, mas o indulto veio: "Não puderam não conceder-lhe/ Essa honra de ser fuzilado."

Frei Caneca queria dar comida, fé, esperança, o pão da liberdade ao povo. Queria despertar consciências. Tanto Frei Caneca quanto você, poeta, acreditaram num mundo melhor. A poesia traz essa fé pela qual vale a pena lutar.



João Cabral de Melo Neto

Lendo o *Auto do Frade*, nosso aluno jamais esquecerá de Frei Caneca e de seu sonho, na visão do poeta João Cabral de Melo Neto. Acontecerá aquela mistura de saber com sabor.

Caro poeta, ainda não aconteceu a expansão da poesia na escola. Há uma crise na maneira de ensinar poesia que passa pela interpretação, pela recitação. Dizer poesia envolve brilho de inteligência nos olhos; capacidade de sentir a carga de significação de cada palavra; desvendar o porquê do posicionamento de cada vírgula para a cadência dos versos. É necessário preparo, noções de sintaxe, talento para uma leitura ao mesmo tempo sentida e natural.

A poesia cabralina traz emoções autênticas, senso elevado de justiça, prazer estético. A sua obra é hoje de circulação planetária, traduzida em várias línguas. Queremos poesia na escola, poesia comunitária, comunicante como aquela em que você afirma que "um galo sozinho não tece uma manhã:/ Ele precisará sempre de outros galos./ De um que apanhe esse grito que ele/ E o lance a outro;/ ...Para que a manhã, desde uma teia tênue,/ Se vá tecendo, entre todos os galos." Queremos a sua poesia exercendo forte influência sobre os leitores de língua portuguesa daqui do Brasil e de além. Queremos partilhar poesia será utopia, João?

Abrço da poetisa e professora,
Raquel Naveira

Raquel Naveira é escritora, professora universitária, crítica literária, Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo, autora de vários livros de poemas, ensaios, romance e infantojuvenis. Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (onde exerce atualmente o cargo de vice-presidente), à Academia Cristã de Letras de São Paulo e ao PEN Clube do Brasil.

A NECESSÁRIA MUDANÇA

Dinovaldo Gilioli

Seguir uma ideia, sem nenhuma visão crítica, nos coloca próximo do papel de ventríloquo, de pagão doméstico. Em tempos de neoliberalismo, onde há endeuamento do mercado e coisificação das relações humanas, é profícuo o exercício da dúvida, das ações questionadoras.

Em tempos de caminho único, é urgente construir atalhos, desconfiar de ruas bem delineadas que nos levam sempre ao mesmo lugar. Caminhos que não propiciam o encontro, mas o mero ajuntamento de pessoas; que não estimulam o diálogo das curvas, mas impõem a palavra final das retas.

Quando tudo parece derradeiro, acabado, aí; bem aí, deve residir o confronto das ideias, onde o cruzar de vozes possa estabelecer o grito da mudança. Onde a solidariedade não seja açodada pela selvagem competição e o exacerbado individualismo.

A necessária mudança não virá do acaso, é preciso lutar para alterar a realidade que nos é imposta. Mudar para melhorar a casa, o

sindicato, o trabalho, a igreja, a associação, a vida e o país; enfim, não é tarefa de “salvadores da pátria”. Esses não passam de charlatões, travestidos de “pessoas de bem”, travestidos de mito.

Para mudar de verdade é preciso questionar os grandes meios de comunicação, geralmente a serviço da classe dominante. Para mudar de verdade é necessário enfrentar os que tentam, sem nenhum escrúpulo, dominar corações e mentes. Os que, com sua falsa moral, querem cercear a livre expressão.

Só a rebeldia, a inquietude e o inconformismo, aliados a consciência crítica e a disposição de luta coletiva, são capazes de se contrapor ao atual sistema. Esses gestos podem forjar novas relações entre os humanos e com a natureza. Podem propiciar trocas, que nos ajudem a valorizar mais a vida.

Quando deixarmos a condição de espectadores, mais preparados estaremos para o protagonismo da história. Oxalá sigamos construindo uma sociedade que viva, de fato, com respeito e dignidade.

Dinovaldo Gilioli é escritor e poeta.



TEMPOS MODERNOS

Raymundo Farias de Oliveira

Eu estava sozinho à mesa, iniciando meu almoço no restaurante, quando entrou uma mulher, moça e bonita, bem vestida, na companhia de um menino, muito bem arrumadinho, exibindo o encanto dos seus quatro ou cinco anos de idade. Mãe e filho, concluí com meus botões.

A garçonete, mais que depressa, apresentou-se com o cartão e o colocou sobre a mesa, sob o olhar da recém-chegada. O menino levantou-se da cadeira e começou uma caminhada pelo salão parando aqui, ali, espiando cada mesa, para saciar sua curiosidade infantil.

Quando passou pertinho de mim encantou-me com seu doce olhar de inocência.

Nisso, a mãe veio buscá-lo e o levou segurando sua mãozinha. O pai havia acabado de chegar.

Bem afeiçoado, trajando roupa esporte, o celular na mão, os

dois olharam-se quase formalmente. O menino, já sentadinho em sua cadeira, foi esquecido; nem foi cumprimentado.

Após a escolha dos pratos feita pelo casal na presença da garçonete, continuei admirando o belo par e o garotinho vivaz.

O marido e pai colocou o celular sobre a mesa, abaixou a cabeça, e não deu mais sossego ao dedo indicador, em pleno momento sagrado da refeição.

Absorto, digitando sem parar, mergulhou no seu mundo virtual e misterioso, ignorando a presença da mulher e do filho, ali à sua frente, na mesma mesa.

Tomei meu cafezinho com leite, paguei a conta e fui embora, matutando: o mundo está precisando de mais humildade e menos arrogância, mais afeto e menos máquina, mais amor e menos tecnologia...

Raymundo Farias de Oliveira é escritor, poeta e Procurador do Estado aposentado.

MERGULHO INTERIOR

Aracy Duarte Ferrari

Olhando-se no espelho oval, quadrado, redondo, retangular, com ornamento, sem ornamento, senti seu semblante com pactuado com o tempo, no seu tempo exato...

Observava tudo além, bem além das imagens, de seus ais e das indagações e via nesta reflexão: ocorrências, fatos *sui generis*, momentos marcantes salpicados de doce amor, os quais não pode exemplificar, porque são pessoais e só a ela pertencem. São até pensamentos desconexos, extraídos de seu ego.

Estes não se encontram no espelho, nem em sua face, mas no coração. Um coração maduro que bate forte, emitindo raios côncavos e convexos, à distancia, atingindo outras pessoas. É um bate e volta bem colorido!

Só as rugas altamente vulneráveis sabem de seus segredos e tesouros, conservados com carinho e criteriosamente guardados, e das vivências promissoras para o presente, não como promessas, mas ações.

Ah! Continua a olhar no espelho. Com um pouco mais de prudência e muita sabedoria, considerando os mistérios da vida e do amor contagiante, que atinge outros e outros.

Tudo tem seu exato momento, nada acontece por acontecer. E só aguardar sem ansiedade, mas com serenidade!

Aracy Duarte Ferrari é escritora, poeta, professora e articulista. Membro do Grupo de Oficina Literária de Piracicaba e do Centro Literário de Piracicaba.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 140,00

Semestral: R\$ 70,00

Depósito em conta 19081-0 - agência 0719-6 - Banco do Brasil
Envio de comprovante, com endereço completo, para o email
linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -

Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

“Triângulo de Fogo”, um belo romance infanto-juvenil escrito a seis mãos

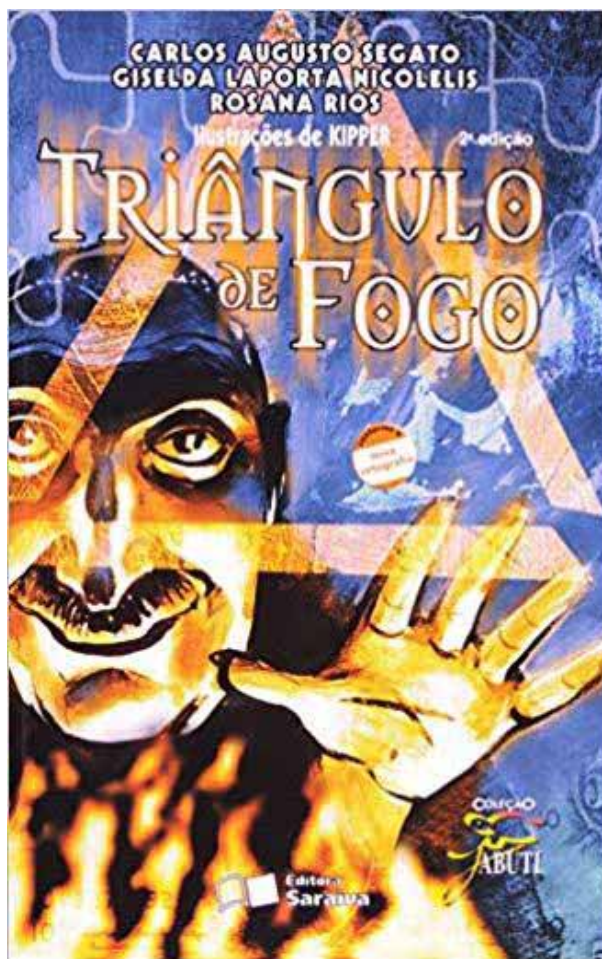
Silas Corrêa Leite

A Coleção Jabuti, da Editora Saraiva, há décadas brinda seu seletivo público juvenil com belíssimos livros cults de qualidade e emoção, dezenas deles já clássicos entre jovens, e entre todo acervo algumas obras de Carlos Segato, já autor de vinte livros. Este “TRIÂNGULO DE FOGO”, foi escrito a seis mãos, em coautoria com Giselda Laporta Nicolelis e Rosana Rios.

A literatura infanto-juvenil é um ramo da literatura dedicado especialmente às crianças e jovens, sendo fundamental para que crianças travem contato com os livros desde cedo, acostumando-se com sua textura, seu formato, seu cheiro e seu maravilhoso universo de possibilidades.

Nesse contexto, Carlos Augusto Segato faz bonito desde 1987, pois escreveu vários livros já com edição esgotada, lançados pela Editora Moderna, Atual Editora, Editora Palavra Mágica, Escala Editorial, Editora Positivo, Saraiva, entre outras.

O romance TRIÂNGULO DE FOGO que pega você pela palavra, quando passa um roteiro de filme na sua cabeça, daqueles que você não quer parar de assistir. A história, bem movida, se assoma quando jovens deparam com um mundo de ambição, corrupção, tráfico e assassinatos. O velho João Carlos Lorquemad, o JCL, homem rico e influente, morre em um incêndio. Quando a família se reúne para o funeral e para discutir a divisão dos bens, os netos do de-cujus, adolescentes curiosos, acabam ouvindo conversas estranhas, assuntos como sobre divisão de bens, possíveis suspeitos (caso o incêndio no casarão não tenha sido um simples acidente...), fatos políticos embaraçosos e coisas do tipo. Ousados, resolvem investigar por conta própria a morte do querido avô. A partir daí ocorrem fatos estranhos, perigosos, revelando um mundo de ambição, de corrupção, de tráfico e de assassinatos. Você segue a leitura numa narrativa ora de romance policial, ora de pura ação, com um toque de terror, e anseia descobrir o que de fato aconteceu. A investigação ganha nova força quando dois policiais audaciosos também entram em ação. Acidente ou crime premeditado? Mistério! O que está por trás do incêndio e da morte do velho empresário com tanta influência política? Desde o início, os três primos, Henri, Fausto e Ingra acharam o incêndio muito mal explicado. O livro é divertido, cativante, cheio de mirabolantes reviravoltas, revelações, situações de riscos, mentiras, tramas ocultas. Um repertório de criação e tanto. Uma narrativa que pren-



de a atenção do leitor do começo ao fim nas suas 184 páginas. Aliás, daria um belo filme infanto-juvenil, mas que também agradaria a todos os públicos. Em cada página uma descoberta, um mistério, um novo personagem, uma surpresa, um novo elemento na trama: o bandido/maldito e complicador “triângulo de fogo”, uma certa seita secreta, etc e tal. De perder o fôlego. Romance cativante.

Para variar, e isso é interessante e datado, pois o que surpreende ainda por cima é que o

livro começou num ocasional desafio entre os autores amigos, uma troca de e-mails, depois um encontro, depois, tipo um começa, outro continua e todos terminam, e assim a própria feitura do livro é uma bela história nesses tempos de tantas infóvias que levam, trazem, focam, trocam e acrescentam arte e cultura.

A Rosana Rios (escritora, ilustradora, arte-educadora e roteirista brasileira) teve a ideia; a Giselda Laporta começou (escritora com mais de cem trabalhos, entre livros infantis e juvenis, ficção, poesia e ensaio), escrevendo o primeiro capítulo, e Carlos Augusto Segato tocou no mesmo ritmo e foco. E assim foram, num revezamento triplice ao longo de 21 capítulos até o final, desembocando neste já clássico de literatura contemporânea. Que conta com as ilustrações expressivas e marcantes do artista plástico Henrique Kipper (ilustrador gaúcho consagrado, vencedor do prêmio HQMIX), carregando nas tintas e criando uma atmosfera sombria que faz um diálogo perfeito com o texto.

Livro recomendado para crianças, jovens e adultos, e também aos mestres educadores para leitura e indicação aos alunos. Li de uma pegada só. E cada vez ficava mais curioso com a revelação seguinte, a página seguinte, o personagem seguinte, o mistério seguinte, o perigo seguinte, eles todos se entrecruzando, até o final que, ponhamos, foi literariamente um achado.

Bravo!

Triângulo de Fogo

Editora Saraiva, Coleção Jabuti

www.editorasaraiva.com.br

atendprof.didatica@editorasaraiva.com.br

Silas Corrêa Leite é professor, jornalista e escritor. Autor de **O LIXEIRO E O PRESIDENTE**, romance social, Sendas Edições, Curitiba, PR, 2019. poesilas@terra.com.br

Sebo Brandão São Paulo

Fazemos encadernações

Rua Conde do Pinhal, 92 -
ao lado do Fórum João Mendes

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - sebobrandao@gmail.com -

Face: Sebo Brandão São Paulo <https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>

A ÚLTIMA ESTRELA TROPICAL

Ely Vieitez Lisboa

O livro mais recente de João Augusto, “A Última Estrela Tropical” (Editora Patuá, 2019), prima pela originalidade. Enriquecido por excelentes comentários de grandes autores, a jornalista Ludmila Honorato, afirma na primeira orelha: “No gesto simples do amor, que descomplica, A Última Estrela Tropical aponta do horizonte, vem para alumiar o cômodo escuro das palavras e dar vida ao que carecia de fôlego”. Na segunda orelha, há uma afirmação primorosa: “João descobriu que escreve porque ama”. E na contracapa, o texto excelente de Antônio Carlos Secchin, da Academia Brasileira de Letras, elogia o livro e afirma com precisão: “Esteja certo de que, como o poeta leva “nas mãos alguma aurora”, será bela e luminosa a viagem até a última estrela tropical”.

O livro é realmente um fascínio. Enriquecido com notáveis epígrafes de autores variados e famosos, traz no final de muitos textos, locais vários que eles poderiam ter sido escritos. Verdade ou ficção, é tudo muito instigante. O problema do gênero literário não é algo simples, matemático. *Iracema*, o famoso romance indianista de José de Alencar, já foi chamado de poema em prosa, pela cadência perfeita do início. Muitos escritores de renome optaram pela prosa poética,

mas raramente ela nunca foi tão rica e lírica, como em A Última Estrela Tropical. João Augusto é tão perfeito neste gênero literário, que às vezes não se sabe se o texto é poesia ou prosa. Além do mais, ele é o mago das metáforas. Em uma linguagem simples, narra (ou reinventa?) grandes verdades, como no primeiro poema do livro. No segundo poema, encontram-se versos notáveis: “Versejar é comer dos lábios da morte. É fazer descer das nuvens/ alguma raiz de encantamento”.

Neologismos, alusões bíblicas, às vezes algumas corruptelas e/ou versos de grande beleza, como: “Já não é possível mastigar a vida com os dentes da infância”. Após a alusão a vários poetas e suas características (texto V) surge esta joia rara: “A vida á laço que, ainda, não aprendi a desatar”. Ou “A vida começa atrasada” (VI), ou neste mesmo poema: “Amar sozinho é escrever para o silêncio”.

Usando, às vezes, a repetição deliberada surpreende o leitor: “Aluga-se uma cama vazia aos fundos deste poema. Aluga-se uma noite repetida no coração escuro do homem. Aluga-se o homem, que se esqueceu de amanhecer” (pág. 31). Na página 43, no final do poema surgem um neologismo (“Eu incompreendo”), um sentimento inocente e a procura da felicidade. Impossível comentar, passo a passo, todos os grandes achados do poeta: “As horas, / do ponto de vis-

ta dos pássaros / são azuis”; ou: “Por dentro da palavra amor / passa uma rua de girassóis”. Ou ainda, no mesmo poema, a belíssima comparação: “Ruas são sementeiras de gente/ como sonhos são canteiros de silêncio”; ou a conclusão linda: “Embora a vida me beije em verso,/ com lábios feridos de poesia”.

Às vezes o poeta é filosófico: “O homem será sempre um eterno recomeço” (pág. 47). O texto XXIII é aparentemente em prosa. Como, no entanto, classificar o final? “Tenho nas mãos uma rosa e um delírio. A partir daqui, este poema não me pertence mais” (O grifo é nosso).

O desejo é citar todos os poemas, onde surgem preciosidades, como no XXV, que se inicia com concessivas, terminando com a ousada construção gramatical: “Embora a vida”. XXIX : é forçoso realçar a confissão: “Escrevo desarmado de palavras, como quem planta abraços de papel”. XXX: “É particular nascer poeta”. Uma confissão belíssima, no poema XXIV_ “Queria nascer verso”. Em tom confessional, no texto XXXIX, o poeta afirma: “A biografia do céu é também um pouco a mi-

nha: distante, nostálgica e incompreensível”.

Impossível realçar a beleza de todos os textos. Cada página é uma surpresa de belas ideias, metáforas notáveis, lirismo de altíssimo teor. Assim é a Última Estrela Tropical, do grande poeta João Augusto.

Ely Vieitez Lisboa é escritora: ensaios, contos e poemas. É crítica literária e autora do romance epistolar *Cartas a Cassandra*.



Manchetes em versos

Rosani Abou Adal

Capa e o projeto gráfico de
Xavier - Xavi

Prefácio de Raquel Naveira



Linguagem Viva: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Sebo Brandão: <https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr/rosani-abou-adal-manchetes-em-versos-1920679020>

Camões no país dos mal-educados

Adelto Gonçalves

I

A iniciativa não passa de uma gota no oceano, como admite o poeta Anderson Braga Horta, organizador de *Camões na Rua*, uma antologia com alguns dos versos mais famosos do vate Luís Vaz de Camões (c. 1524-1580), mas constitui também um inocente protesto contra a situação de descalabro a que chegou a educação no País, a ponto de a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) já ter concluído que o Brasil precisará de mais de um século para atingir o nível de leitura dos países economicamente mais favorecidos.

Trata-se de um reconhecimento cabal de que a nossa e as gerações anteriores fracassaram na tentativa de dotar o País de uma estrutura educacional que fizesse do brasileiro um ser humano mais educado. E o nivelamento não se dá por baixo, apenas com as classes menos favorecidas, mas em todos os níveis, como são provas as manifestações diárias de ignorância, marcadas por ofensas ao vernáculo, que partem da maioria dos homens e mulheres em cujos ombros repousa a responsabilidade de administrar a Nação.

Principal baluarte que impediu a dissolução do País em pequenas nações, a exemplo do que ocorreu na América espanhola, a Língua Portuguesa tem sofrido, nos últimos anos, o mais cerado combate daqueles que a querem degradar de vez, a pretexto de adaptar o Brasil à modernidade, que hoje se traduz na utilização de novas tecnologias de comunicação em que o idioma pátrio é violentamente agredido.

A situação é tão dramática que não se consegue sequer imaginar o que será o País daqui a 15 ou 20 anos quando as crianças de hoje tiverem de entrar no mercado de trabalho. Foi o que este articulista pensou quando, há poucos dias, sentado na sala de estar de um salão de beleza, à espera da esposa, viu o livro que tinha nas mãos chamar a atenção de uma criança de presumíveis cinco anos de idade como se fosse algo muito estranho. Não é preciso dizer que a criança tinha nas mãos um *tablet* de jogos eletrônicos.

II

Ainda que não passe de um quixotesco combate contra moinhos de vento, esta antologia de poemas de Camões constitui um solitário protesto contra “os germes de dissolução, que tendem a pulverizar o ordenamento fora do qual o pensar pode tornar-se uma falácia, o belo uma coisa irreal, ininteligível ou piegas”, como observa o seu organizador no estudo introdutório que escreveu para esta edição. Ou seja: Braga Horta reconhece que, nas atuais circunstâncias, só nos resta “recorrer a Camões e os outros clássicos das literaturas lusógrafas, ao invés de sepultá-los com pretextos de modernidade, não para uma inútil e tola tentativa de deter as transformações linguísticas inevitáveis, sim como um dique à de-

gradação pseudoatualizadora e pseudoliberal promovida pelas novas tecnologias de comunicação”.

Autor da ideia de se imprimir uma antologia destinada ao público não especializado, o editor e livreiro Victor Alegria, um português de Arouca que em 1963 emigrou para o Brasil em fuga das perseguições do regime salazarista (1933-1974), no texto de apresentação deste volume, lamenta o profundo desprezo que, nas duas últimas décadas, tem se verificado no País pela ideia de melhorar o incentivo à língua bem falada.

Como exemplo, lembra que, no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) de 2016, cerca de 1,3 milhão de crianças tiraram nota zero nas disciplinas de Português e Matemática. E acrescenta: “O custo social desse descalabro praticamente ficou no esquecimento”. Por isso, espera que a publicação desta antologia signifique “um ponto de partida e de reflexão para um esforço patriótico e afirmativo da língua que falamos”.

III

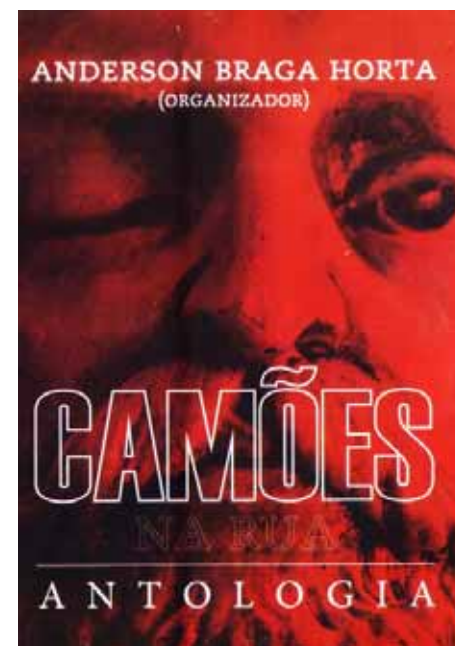
Para fazer esta edição, Braga Horta coligiu textos da *Antologia da Poesia Portuguesa* (Porto, Lello & Irmão Editores, 1977), organizada por Alexandre Pinheiro Torres (1923-1999), e das *Obras Completas* (Lisboa, Livraria Sá da Costa, v. I, 1954, e IV e V, 1947), organizadas por Hernâni Cidade (1887-1975), todos atualizados ortograficamente. A edição abre com três redondilhas, seguidas por 31 sonetos, dos quais talvez o mais conhecido seja este:

*Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida, descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.
Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.
E se vires que pode merecer-te
Algũa cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,
Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.*

IV

Metade da edição está dedicada a fragmentos de “Os Lusíadas”, o mais conhecido poema da Língua Portuguesa, obra composta por dez cantos, 1.102 estrofes e 8.816 versos que são oitavas decassílabas. A ação central do poema é a descoberta do caminho marítimo para a Índia pelo navegador Vasco da Gama (1469-1524), à volta da qual se vão descrevendo outros episódios da História de Portugal, glorificando o povo português. Um desses fragmentos é o “LII” do Canto IX (“A Ilha dos Amores”), que recupera a passagem do poeta pela Ilha de Moçambique, na contracosta do continente africano:

*De longe a ilha viram, fresca e bela,
Que Vênus pelas ondas lha levava
(Bem como o vento leva branca vela)
Pera onde a forte armada se enxergava;
Que, por que não passassem sem que nela*



*Tomassem porto, como desejava,
Pera onde as naus navegam a movia
A Acidália, que tudo enfim podia.*

V

Nascido em Lisboa, Luís Vaz de Camões, provavelmente, teve sólida educação, tendo estudado história, línguas e literatura. Estudos indicam que era indisciplinado e que supostamente teria ido a Coimbra para estudar, mas não há registros de que tenha cursado a universidade. Foi um poeta lírico na corte de dom João III (1502-1557). Ainda jovem, teria passado por uma desilusão amorosa, razão pela qual decidiu ingressar no exército da Coroa em 1547 e, no mesmo ano, embarcou como soldado para a África, onde combateu os celtas, no Marrocos. Foi ali que perdeu o olho direito.

Voltou em 1552 a Lisboa, mas, no ano seguinte, embarcou para as Índias, onde participou de várias expedições militares. Estudos apontam que ele foi preso tanto em Portugal como no Oriente. Foi durante uma de suas prisões que ele escreveu “Os Lusíadas”. Quando retornou a Portugal, resolveu publicar sua obra. À época, teria recebido recursos do rei dom Sebastião (1554-1578). Só depois de sua morte é que passou a ser reconhecido como grande poeta, a ponto de hoje ser considerado um dos maiores escritores da Língua Portuguesa. Seu nome é conhecido em todo o mundo.

Camões na Rua: antologia, de Luís de Camões, com estudo introdutório de Anderson Braga Horta (organizador) e prefácio de Victor Alegria (editor). Brasília: Thesaurus Editora, 140 páginas, 2019. www.thesaurus.com.br

Adelto Gonçalves é doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa pela USP e autor de *Gonzaga, um Poeta do Iluminismo, Barcelona Brasileira, Bocage – o Perfil Perdido, Tomás Antônio Gonzaga, Direito e Justiça em Terras d’El-Rei na São Paulo Colonial, Os Vira-latas da Madrugada e O Reino, a Colônia e o Poder: o governo Lorena na capitania de São Paulo 1788-1797*, entre outras obras. E-mail: marilizadelto@uol.com.br

Poemetos de *Manchetes em Versos*

Rosani Abou Adal

Governantes
a comer caviar,
o povo com os pratos
vazios.

Pele e osso
contornam o corpo
do menino adulto
ainda criança

Gramíneas em falsete
Aleurona e pericarpa
não acalentam vermes solitários

Desvendar sonhos
entre lençóis,
nudez da alma em síncope.

Mel de laranjeira
sem florada,
último suspiro
das abelhas.

Rosani Abou Adal é escritora, poeta, jornalista, editora e vice-presidente do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo. Foi uma das poetisas homenageadas do 33º Festival de Poesia Psiu Poético de 2019. Autora de *Mensagens do Momento, De Corpo e Verde, Catedral do Silêncio e Manchetes em Versos.*
www.poetarosani.com.br

POEMAS

Aroldo Pereira

minha pátria é a poesia
brinco na corda bamba
bailo entre inferno & céu
tenho dor & tenho dúvida
linguagem invenção & mel
mesmo vivendo triste
sou adepto da alegria
sou poeta não sou réu

seus mistérios
me consomem
seus enigmas
e seus blefes
seus acalantos
me consolam
seus blues
e seus azuis
tudo em você
é controverso
como em meu
próprio universo

falou q. ia voltar
nunca + apareceu
sumiu na vida
escafedeu
ninguém sabe se morreu

Aroldo Pereira é escritor, poeta, ator, compositor, performer e agitador cultural. É integrante fundador do Grupo de Literatura e TeatroTransa Poética e curador do Salão Nacional de Poesia Psiu Poético. Autor dos livros de poemas *Cinema Bumerangue, Parangolivro, Poetrizka*, entre outros.

Poemas de *IMPROPÉRIOS*

Luciana Martins

ecce femina

sou uma sujeita
uma sujeitinha lírica
que não se sujeita

4.05.2016

**monteiro lobato revisitado
por uma mulher moderna**

“um país se faz com homens e livros”
os homens a gente come
os livros a gente lê

3.11.2007

**versão nova do poema
acima**

um país se faz com homens e armas

17.05.2019

Luciana Martins é escritora, poeta, dramaturga e professora. É mestre em Literatura pela Universidade de Brasília e doutora pela Universidade de São Paulo. Foi uma das poetisas homenageadas do 33º Festival de Poesia Psiu Poético de 2019. Autora dos livros *Lapidação da Aurora, Espetáculo das sensações alheias, Lyrica 75mg e Impropérios.*

TV ArtMult Cultural
9 anos com você

Filmagens, edições de
vídeo, clips e produção de
dvds poéticos e musicais.



nicanorjacintos@yahoo.com.br - (11) 99949-9652
<http://tvartmultcultural.com.br/>

Profa. Sonia Adal da Costa

**Revisão -
Aulas Particulares**

Cel.: (11) 97382-6294 - soninhaabou@gmail.com

Concursos



19º Concurso Brasileiro de Haicai Infantojuvenil (2019/2020), promovido pelo Grêmio Haicai Ipê, com o intuito de incentivar e difundir a prática do haicai entre as crianças brasileiras, está com inscrições abertas até o dia 30 de junho 2020. Poderão participar alunos do Ensino Fundamental ou Médio, com idade inferior a 18 anos. Categoria Infantil destinada a alunos com idade máxima de 10 anos, completados até o dia 30 de junho de 2020; Categoria juvenil I para alunos de 11 a 14 anos, completados até o dia 30 de junho de 2020; Categoria juvenil II para alunos de 15 a 17 anos, completados até o dia 30 de junho de 2020; e Categoria especial: alunos com deficiência, sem limite de idade. O tema do concurso será 'PRAIA'.

Serão conferidos certificados aos autores dos 20 melhores trabalhos e seus respectivos professores, nas categorias infantil e juvenil I. Na categoria juvenil II, considerando-se menor número de participantes, serão conferidos certificados aos autores dos 10 melhores trabalhos e seus respectivos professores. Nessas categorias, a critério da Comissão Julgadora, poderão ser conferidos certificados aos trabalhos selecionados como Menção Honrosa, limitados a um máximo de 10 trabalhos por categoria. Fica mantido o direito ao recebimento do certificado de participação aos respectivos professores. Na categoria especial serão conferidos certificados aos autores dos melhores trabalhos, tantos quantos aprovados pela comissão julgadora, bem como aos respectivos professores.

É de total responsabilidade dos professores o fornecimento dos dados que possibilitem a entrega dos mesmos pelos funcionários dos Correios.

Os trabalhos devem ser recolhidos e enviados pelas escolas. Não serão aceitas inscrições individuais remetidas pelos alunos.

Escolas que enviarem mais de um trabalho por aluno serão desclassificadas.

Os trabalhos deverão ser enviados para 19º Concurso Brasileiro de Haicai Infantojuvenil - Grêmio Haicai Ipê- A/C Teruko Oda - Rua Vergueiro, 819 - sala 2 - 01504-001 - São Paulo - SP.

O relatório e a relação dos classificados estarão disponíveis para consulta, a partir do dia 20 de agosto de 2020, em <http://www.kakinet.com/concurso/> e <https://www.facebook.com/gremiohaicaiipe>.

Informações: E-mail: terukooda@gmail.com

Formulário de inscrição: <http://www.kakinet.com/concurso/>

Concurso Prêmio Cataratas de Contos e Poesias 2019, promovido pela Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu por meio da Fundação Cultural, está com inscrições abertas até o dia 18 de março de 2020. Poderão participar dos Concursos escritores de qualquer nacionalidade, desde que inscritos no Cadastro Nacional de Pessoas Físicas. É obrigatório o uso de pseudônimo.

Os interessados poderão inscrever um conto e/ou um poema, inéditos ou não, escritos em português ou espanhol, com tema livre. O limite de cada Conto é de 12.600 (doze mil e seiscentos) caracteres, e o de cada Poesia é de 4.200 (quatro mil e duzentos) caracteres.

A inscrição compreende o envio da obra e preenchimento completo do formulário de inscrição disponível em premiocataratas.com.br/

Serão desclassificadas as obras cujo conteúdo constituir ofensa à liberdade de consciência e de crença; Conter teor grosseiro, ofensivo, discriminatório ou que viole a legislação vigente.

Premiação: Publicação de uma coletânea das dez primeiras obras selecionadas em cada categoria, certificados de participação e prêmios em dinheiro. 1º lugar: R\$ 2.100,00 (dois mil e cem reais) e 200 exemplares; 2º lugar: R\$ 1.600,00 (mil e seiscentos reais) e 150 exemplares; e 3º lugar: R\$ 1.100,00 (mil e cem reais) e 100 exemplares. Também haverá prêmio para residentes em Foz do Iguaçu - PR.

Edital: <http://pmfi.pr.gov.br> - <http://culturafoz.pmfi.pr.gov.br> - <https://premiocataratas.com.br>

Informações: (45) 3521-1511 - premiocataratas@gmail.com

CD A Coragem de Ser Poeta



O CD abriga poemas de José Eduardo Mendes Camargo musicados por Eduardo Santhana, Instituto Usina dos Sonhos & Canta Music.

José Eduardo Mendes Camargo é poeta, cronista, professor e empresário. Idealizador e criador do Instituto Usina de Sonhos que promove o Festival de Poesias de Dois Córregos e desenvolve atividades voltadas para a cultura, educação, esportes e meio ambiente. Autor dos livros de poemas *Sonhos*, *Luminiscências* e *Delírios*.

Ficha técnica de **A Coragem de Ser Poeta**: Fotos de Carlos Henrique Zanatta e projeto gráfico de NG2 por Arair Lessa. Mixado no Estúdio Canta Music por Sergio Bello e Eduardo Santhana. Masterizado por Beto Mendonça - Estúdio 185.

Participações no CD de Eduardo Santhana (voz e violão, teclado, vocalises e assovio), Sergio Bello (contra-baixo, guitarra e programações rítmicas), Isadora Santana (voz e violão), Marcelo Maganha (trompete), Gilton Foschiani (viola) e Alvinho (acordeon).

Todas as composições são de José Eduardo Mendes Camargo e Eduardo Santhana, exceto *Você e Eu* - melodia de Carlos Eduardo Franciscone.

Faixas: 1- *A Coragem de Ser Poeta*, 2- *Ah Esses Teus Olhos*, 3- *Sereia do Mar*, 4- *A Tua Nudez (Tu desnudez)*, 5- *Dois Córregos*, 6- *Borboleta Bailarina*, 7- *Aquela Noite*, 8- *Nas Asas da Borboleta*, 9- *Você e Eu* e 10- *Samba do Amor Universal*.

Contatos para shows: (11) 98443-5463.

Instituto Usina de Sonhos: Tel.: (14) 3652-5091 -

<http://usinadesonhos.org.br/>

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÓFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

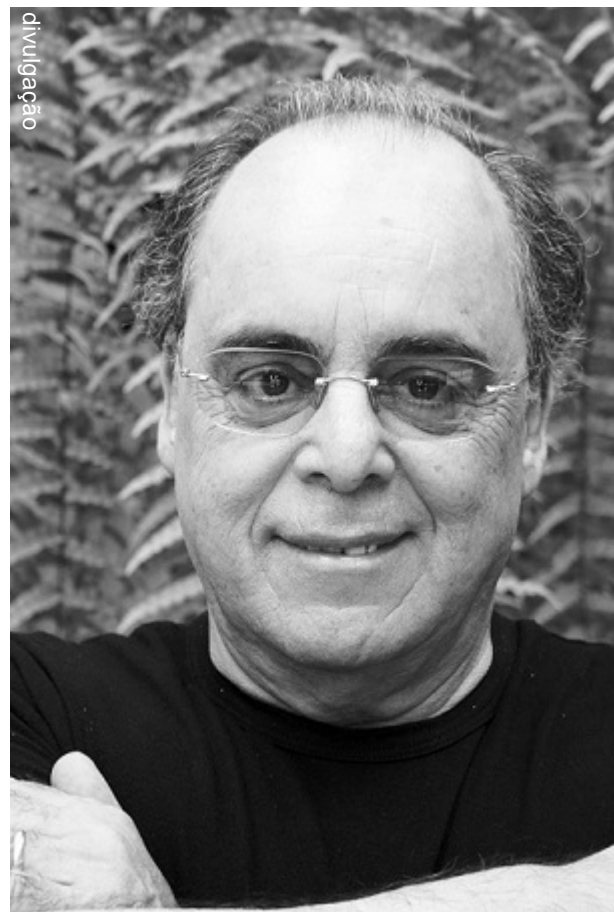


Opções de compra: 1. www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS.

2. E-mail: debora_nc@uol.com.br 3. Correio: Rua Ática, 119

- ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

Notícias



Modesto Carone

Modesto Carone, escritor, professor, romancista, ensaísta, crítico, contista, advogado, tradutor e jornalista, faleceu no dia 16 de dezembro, em São Paulo. Nasceu em Sorocaba no dia 9 de fevereiro de 1937. Foi professor de literatura na Universidade de Viena na Áustria, da Unicamp e da Universidade de São Paulo. Traduziu a obra completa de Franz Kafka. Foi laureado com o Prêmio Jabuti com o romance *Resumo de Ana*. Recebeu o prêmio APCA 2009 de melhor livro de ensaio/crítica por *Lição de Kafka*. Autor de *As Marcas do Real*, *Lição de Kafka*, *Aos Pés de Matilda*, *Dias Melhores*, *Resumo de Ana* e *Por Trás dos Vidros*.

A Nova Diretoria da Academia Brasileira de Letras, que tomou posse no dia 12 de dezembro de 2019, tem como Presidente Marco Lucchesi, Secretário-Geral Merval Pereira, Primeiro-Secretário Antônio Torres, Segundo-Secretário Edmar Bacha e como Tesoureiro José Murilo de Carvalho.

Gabriel Dearo e Manu Digilio, com a obra *As Aventuras de Mike*, foram agraciados com o Prêmio Destaques do Ano Saraiva 2019.

A Universidade do Livro promove o curso Produção e comercialização de audiolivros para autores e editores, de 4 a 6 de fevereiro, das 18h30 às 21h30 horas, na Universidade do Livro, Praça da Sé, 108, 7º andar, em São Paulo. O curso, destinado a editores, assistentes editoriais, escritores, poetas, empreendedores e estudantes, será ministrado pela jornalista e especialista em audiolivros Silvana Silvério. Tel.: (11) 3242-9555 e 3242-7171 - ramais 502 e 503. E-mail: unil@unesp.br.

A Companhia Editora de Pernambuco publicará *João Cabral de Ponta a Ponta*, em comemoração ao centenário do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto, ocorrido no dia 9 de janeiro, de autoria do crítico literário, ensaísta e poeta carioca Antonio Carlos Secchin. O lançamento do livro será realizado em abril, no Recife, e na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Anita Leocadia Prestes lançou *Viver é tomar partido: memórias*, pela Boitempo, para registrar as impressões dos episódios que marcaram sua vida. A obra abriga cartas inéditas, poemas e trechos de jornais.

A Câmara Brasileira do Livro assinou convênio com a Fundação Biblioteca Nacional e a Agência Internacional do ISBN, para assumir o papel de Agência Nacional do ISBN – International Standard Book Number, a partir do dia 1 de março de 2020. A Fundação Biblioteca Nacional e a parceira Fundação Miguel de Cervantes prestarão serviços até 28 de fevereiro.

Trump: primeiro tempo - Partidos, políticas, eleições e perspectivas, Editora UNESP, organizada por Sebastião Velasco e Cruz e Neusa Bojikian, a obra reúne estudos sobre seu governo e - caso seja reeleito nas eleições de 2020 - as perspectivas.

Psui Poético aos Vivos, com Aroldo Pereira e Noélia Ribeiro, em apresentação poética, no dia 14 de fevereiro, às 19h30, no Espaço Parlapatões, Praça Franklin Roosevelt, 158, em São Paulo. Aroldo Pereira é poeta e idealizador do Psui Poético, evento realizado há 33 anos em Montes Claros (MG). Noélia Ribeiro é poeta e musa da canção *Travessia do Eixão*, gravada pela Legião Urbana. Após a apresentação da dupla, o microfone será aberto a poetas convidados.

A Associação de Editores Cristãos elegeram nova diretoria para o biênio 2020/2021. Selmi Susy Perrusi de Aquino, da Editora Mundo Cristão, será a presidente e Jefferson Freitas, da CPAD, o vice-presidente.

Flora Süssenkind, Joelle Rouchou e José Almino de Alencar e Silva Neto, chefes dos centros de pesquisa em Filologia, História e Ruína da Fundação Casa de Rui Barbosa foram exonerados dos seus cargos, conforme publicação no *Diário Oficial da União* de 7 de janeiro de 2020. Também foram exonerados o diretor do Centro de Pesquisa Antonio Herculano Lopes e o chefe do Centro de Pesquisa em Direito Charles Gomes. Letícia Dorneles, afilhada do deputado-pastor Marco Feliciano, foi nomeada, no ano passado, pela Secretaria Especial de Cultura, presidente da instituição mesmo sem ter formação acadêmica adequada e sem ser especialista na obra de Rui Barbosa - exigências necessárias para ocupar o cargo.

O Festival de Poesia de Dois Córregos, promovido pelo Instituto Usina de Sonhos, será realizado nos dias 16, 17, 18 e 19 de abril, em Dois Córregos (SP). No dia 17, sexta, o evento, que contará com a participação dos poetas, será realizado no Centro Cultural Nilson Prado Telles, Av. D. Pedro I, 320 - Centro, Dois Córregos (SP). O Instituto Usina de Sonhos, idealizado em agosto de 1995, é presidido pelo poeta e empresário José Eduardo Mendes Camargo.

Nilza Amaral participará da antologia *O Dez mandamentos*, organizada por Cássio Cavalcante, Editora Enseada das Letras, Recife (PE), que será lançada depois do Carnaval.

Beatriz H. Ramos Amaral lançou *O Averso do Arquipélago* pela Editora In-finita, de Lisboa, Portugal.

O 3º Festival Nacional de Poesia Beagá Psui Poético está com inscrições abertas até o dia 31 de janeiro. Os interessados poderão participar de lançamentos de livros, cinema, performances, poesia ao vivo, poemas para exposição, poesia na escola, bicicletada e apresentações musicais compactas. O Beagá Psui Poético tem como objetivo difundir as diversas manifestações artísticas, a partir da arte poética. Será realizado de 14 a 18 de março de 2020, em Belo Horizonte (MG). Inscrições através dos e-mails sidneiaameliasimoes@gmail.com e psuiopoetico@gmail.com

Pedro Almeida será o presidente do conselho curador da 62ª edição do Prêmio Jabuti. O indicado é jornalista de formação com curso de extensão em Marketing pela Universidade de Berkeley.

O Museu da Língua Portuguesa será reinaugurado no dia 25 de junho. A restauração do Museu, atingido por um incêndio em 2015, abrangeu serviços de recuperação de fachadas e esquadrias e reconstrução da cobertura e espaços internos. O Custo total da obra foi de R\$ 81,4 milhões. A reconstrução do Museu é uma iniciativa do Governo de São Paulo em parceria com a Fundação Roberto Marinho.

Andreia Donadon Leal, escritora aldravista/educadora, criou a QUINTA - forma poética composta de cinco versos - Quatro primeiros versos de dois vocábulos/ último univocabular; com rima no segundo e quinto verso.

MASP – 70 anos, de Francisco Alambert, Mester Fotografia e Comunicação, livro de arte sobre os 70 anos do Museu de Arte de São Paulo. A obra, com mais de 200 páginas ilustradas, apresenta a trajetória do museu, desde sua fundação, em 1947, pelo empresário Assis Chateaubriand, e abriga imagens da época.

Chris Donizete lançou o livro infantil *Marília – a menina que não sabia que era preta*, pela Soul Editora.